

JAZIDA DE CASTELO VELHO (FREIXO DE NUMÃO). ELEMENTOS ARQUEOZOOLOGÍCOS

por

Miguel Telles Antunes*

Resumo: O estudo arqueozoológico do sítio de Castelo Velho (perto de Freixo de Numão, Vila Nova de Foz-Côa, NE de Portugal) incidiu fundamentalmente em materiais escassos e mal conservados provenientes da camada 2 (Idade do Bronze). Outros poucos espécimens foram recolhidos nas camadas 2/3 (transição do Calcolítico para a Idade do Bronze), 3 (finais do Calcolítico) e 4 (Calcolítico). Trata-se fundamentalmente de restos de alimentação humana sujeitos à acção do fogo (por vezes muito queimados). Com a possível excepção de um coelho (admitindo tratar-se de um coelho bravo), não se observaram restos de caça.

Estão presentes o boi doméstico de pequenas dimensões, o porco, a cabra, e alguns carneiros. Praticava-se a pesca nos rios (barbo). Há uma raposa. Alguns sinais de mordedura podem atribuir-se ao cão (também representado por um osso). Outros sinais desses sugerem a presença de doninha e de roedores não identificados. Para uma visão geral, ver Quadro I.

Palavras-chave: Arqueozologia. Castelo Velho (Freixo de Numão). Restos alimentares humanos.

Abstract: Archaeozoologic study of the Castelo Velho site (near Freixo de Numão, Vila Nova de Foz-Côa, Northeastern Portugal) was mostly carried on rather scant and poorly preserved material from bed 2 (Bronze age). A few further specimens were collected in beds 2/3 (Chalcolithic-Bronze transition); 3 (end of the Chalcolithic); and 4 (Chalcolithic). It represents fired (sometimes much burnt) human food waste. Excepting maybe for a single rabbit (if wild) bone, no game is known. Small domestic cattle, pig, goat, and some sheep were bred. There was some river fishing (barbels). There is a fox. Some bite marks maybe ascribed to dog (also represented by a bone). Other bite suggest the presence of weasel and of unidentified rodents. For an overall view, see Quadro 1.

Key-Words: Archaeozoology. Castelo Velho (Freixo de Numão). Human food waste.

1. INTRODUÇÃO

Escavações de Susana Oliveira Jorge em Castelo Velho (Freguesia de Freixo de Numão, Concelho de Vila Nova de Foz Côa)¹ permitiram recolher, em 1989,

* Academia das Ciências de Lisboa; DCT, Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL, Quinta da Torre, 2825 Monte de Caparica, Portugal.

¹ V. *Actas do presente Congresso*, vol. I, pp. 179 e seg.

1990-91 e 1992, espólio ósseo escasso, muito fragmentário, geralmente mal conservado e que, às vezes, parece corroído: 75 peças na camada 2, da idade do Bronze; 1 na 2/3, da transição do Calcolítico para o Bronze; 4 na camada 3, do Calcolítico final; e 2 no nível 4, do Calcolítico pleno. Este facto não surpreende num contexto de acidez de solos, desfavorável à conservação. Ainda assim, fornece indicações interessantes.

Considerações de carácter quantitativo têm valor limitado pelo muito baixo número de restos identificados. Portanto, as percentagens numéricas de peças ósseas, quando dadas, são-no a título meramente indicativo. Pelas razões invocadas, não parece justificada qualquer tentativa de avaliação ponderal.

A camada 2, a menos pobre, permitiu reconhecer oito espécies de mamíferos e um peixe. Dá uma imagem bastante incompleta do espectro faunístico, ms ainda assim cobre aspectos fundamentais.

A amostra de transição 2/3 deu um fragmento ósseo não identificado (*cf. Ovis* ou *Capra*). Outra, da cam. 3, contém três peças de *Ovis*, fornecendo a única informação com algum significado, além de um fragmento de costela, talvez da mesma espécie. Enfim, a amostra do nível 4 resume-se a uma peça de *Ovis* e uma pequena esquirola.

2. FAUNA E SUA REPARTIÇÃO QUANTITATIVA E ESTRATIGRÁFICA

Os animais identificados são os seguintes:

Canis familiaris (cão); *Vulpes vulpes* (raposa); *Cf. Mustela nivalis* (doninha); *Sus domesticus* (porco); *Capra hircus* (cabra); *Ovis aries* (carneiro); *Bos taurus* (boi); *Oryctolagus cuniculus* (coelho); roedores (só marcas de roidela); mamíferos indeterminados; *Barbus bocagei* (barbo).

Comparação minuciosa com material moderno permitiu, em número apreciável de casos, a destriça entre *Capra* e *Ovis*, sempredelicada, sobretudo a partir de material deficiente.

Os resultados estão condensados no Quadro I.

Evitaremos minúcias sem significado ou especulações que os dados não suportam suficientemente. O assunto merece ser retomado quando haja material melhor e mais numeroso.

Atendendo aos dados disponíveis, essencialmente referentes à camada 2 (salvo expressa indicação em contrário), apresentamos as considerações seguintes, que traduzem as conclusões possíveis no estado actual dos conhecimentos.

3. DISCUSSÃO – CONCLUSÕES

1. Quase tudo são restos de animais domésticos aproveitados na alimentação humana, com as possíveis exceções dos de cão e raposa; no entanto, nítidas marcas de corte na única peça de cão podem significar o contrário. Além de cortes, às vezes muito evidentes, para descarnar ou esfolar, há outros vestígios de intervenção humana – fracturas aparentemente em espiral, por percussão, bem como impressões que talvez possam corresponder a dentes humanos na parte cortical de ossos juvenis. O aproveitamento da medula e a generalizada exposição a fogo abonam no mesmo sentido.

2. Todos os espécimes foram, ou parecem ter sido, submetidos a fogo. Em várias peças não foi ultrapassado o estágio castanho. Noutras, as modificações foram mais profundas: atingiram estádios azulado e, mesmo, branco, especialmente na periferia, indicando que foram deitados à lareira após consumo. O estalamento é frequente.

3. Houve consumo secundário por carnívoros, cujas mordidelas são frequentes – cão; talvez raposa; e um carnívoro pequeno, autor de mordidelas com distância entre caninos correspondente à doninha. Raras marcas parecem de roidelas por roedores.

4. Na camada 2 predominam restos de *Bos taurus* associados aos de *Capra hircus*. São menos os de suínos e de *Ovis*. Contudo, o predomínio de *Bos* pode ser mais aparente do que real, por exagero devido a terem sido contabilizadas peças dentárias muito fragmentadas. À luz da experiência relativa a outros arqueossítios, no Sul do País o carneiro parece mais frequente do que a cabra (cf., por ex., ANTUNES, 1987), sendo às vezes exclusivo; a cabra seria mais importante no Norte, onde pode ocorrer sem carneiro (escavações de R. Vilaça em Alegrios, Moreirinha e Monte do Frade, Penamacor; ANTUNES, nota em publicação na revista *Coninbriga*, Univ. de Coimbra).

5. O pequeno porte de *Bos taurus* é ilustrado pelas dimensões (em mm) de um metatarso esquerdo completo: comprimento máximo, 197; diâmetro antero-posterior máximo na extremidade proximal, 41.0; diâm. transversal máx. na extr. prox., 44.6; diâm. ant.-post. máx. na extr. distal, 28.6; diâm. ant.-post. na extr. distal, 52.3.

6. São pouquíssimos os dados referentes à idade dos animais domésticos abatidos, e à idade de outros aquando da morte. Pela frequência de osso cortical muito vascularizado, há-os juvenis e subadultos a par de algum adulto, o que também se pode inferir da presença de epífises não soldadas. O abate de juvenis era frequente. A única raposa era subadulta a adulta, não velha; o que, com a identidade da pátina e o estalamento dentário, parecem sugerir (com reserva) aproveitamento alimentar.

7. A pastorícia desempenhava papel relevante na economia das populações em causa.

8. Não há representação de equídeos, o que não significa inexistência. Este facto é concorde com observações noutros arqueossítios, onde os equídeos parecem faltar, ou estão mal documentados. Ressalvando situações graves de carência alimentar, não teriam sido consumidos pelo homem.

9. Cão e raposa – o cão (e não o lobo) tem-se revelado presente em diversas jazidas portuguesas desde o Calcolítico. Ao contrário, o registo da raposa é muito escasso, pelo que a presença na camada 2 merece nota. Podem ter sido utilizados pela pele, mas não é de excluir aproveitamento alimentar.

10. Falta a caça, excepto, talvez, algum coelho (que não temos meios de saber se bravo ou doméstico) e a raposa. As raposas, cujo comportamento fossador é conhecido, podem ter escavado tocas na camada arqueológica e aí terem morrido, sobretudo se velhas; como não é o caso, não temos motivo para admitir aquela hipótese que, todavia, não é impossível. Falta ou escassez de caça têm-se mostrado frequentes, pelo menos depois do Calcolítico. No caso vertente, o contributo da caça não é evidente.

11. Coelho – está representado por uma só peça, decerto abandonada após consumo. Esta situação, conjugada com (e corroborada pela) falta de pequenos maníferos, cuja presença só é denunciada por marcas de roidela, resulta de insuficiente colheita de restos muito pequenos.

12. Era praticada a pesca fluvial: o barbo está representado. Deve tratar-se de *Barbus bocagei*, comum nos rios do Norte, identificado pela primeira vez em arqueossítios portugueses (conhecemos outros barbos em jazidas medievais – camada 3 do Castelo de Silves e casa II da alcáçova de Mértola).

13. Quanto à amostra de transição 2/3, quase nada se pode dizer, enquanto a camada 3 revela *Ovis*, sem *Capra*; porém, a cabra pode ter coexistido. Por escassez de dados, não é possível concluir a favor de alteração do padrão da pastorícia, desde ovinicultores (cam.3) a criadores de cabras (cam.2).

Quadro I
MAMÍFEROS E PEIXE

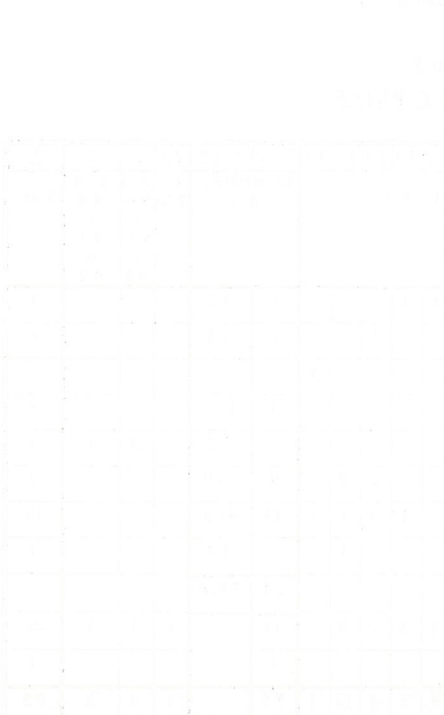
<i>Amostras</i>	1	3	4	5	6	8	9	10	11	12	13	14	16	17	Σ c2	% c2	15	7	2	Σ	
<i>Taxa</i>	Camada 2 (89 +90-91 +92)															Identificados	c. 2/3	c. 3/0	c. 4/0	Tot.	
<i>Canis familiaris</i>	x					x	x		x	x	1				1	3,2					1
<i>Vulpes vulpes</i>												1			1	3,2					1
<i>Cf. Mustela nivalis</i>														x							
<i>Sus domesticus</i>				1		1	2						1		5	16,1					5
<i>Ovis aries</i>				1											1	3,2		3	1		5
<i>Capra hircus</i>			1	1			2	1				2	2		9	29,0					9
<i>Bos taurus</i>	2			1	2		1		1		1	3	1	1	13	41,9					13
<i>Oryctolagus cuniculus</i>													1		1	3,2					1
Roedores								x	x						31	99,8					
Mamíferos indeterminados		1			4		3	8	12	1	3	2	9		43		1	1	1		46
<i>Barbus bocagei</i>			1												1						1
Σ	2	1	2	4	6	1	8	9	13	1	5	8	14	1	75		1	4	2		82

- Camada 2, número de restos identificados de mamíferos (31)/ total (75) $\hat{=}$ 41.3%. Outras camadas: percentagens sem significado.
- Percentagens de mamíferos da cam. 2 com base nos restos identificados; % numéricas com pouco significado, e ponderais não significativas. Outras camadas: percentagens sem significado.
- x – só marcas de roidela.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANTUNES, M. T. (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba IV – Mamíferos (Nota preliminar). *Setúbal Arqueológica*, vol. VIII, 1987, pp. 103-144.

Est. I



Dois aspectos de uma pequena estrutura pétrea da Idade do Bronze que continha fragmentos ósseos carbonizados de animais (Castelo Velho de Freixo de Numão, 1992 – escav. e fotos de Susana O. Jorge).